

Espaços Paralelos: produções e apropriações através dos desportos urbanos alternativos

Rui Gonçalves de Carvalho, Ana Luísa Pereira¹

Resumo:

Vários trabalhos realizados acerca dos problemas relacionados com o sedentarismo focam-se na necessidade de realizar exercício físico moderado, mas acabam por não apelar às populações mais jovens porque têm em vista actividades físicas desprovidas dos aspectos mais valorizados por esta população. O objectivo deste trabalho é analisar a cidade do Porto através da observação directa de praticantes de desportos informais, de entrevistas, de uma cartografia dos locais de prática da cidade, e do suporte fotográfico como meio complementar de recolha de dados. Desta forma, é possível entender quais são as características que tornam um espaço urbano próprio para a prática dos desportos informais, assim como analisar a forma como estes espaços se distribuem pela cidade, descrevendo zonas de maior concentração, no sentido de entender as produções e apropriações do espaço através dos desportos urbanos alternativos

Palavras-chave: Saúde; Culturas juvenis; Desportos urbanos; Cidade do Porto.

Introdução

Existem novas formas de prática desportiva que têm um lugar importante na evolução da cultura urbana contemporânea. Segundo Camy, Adamkiewics, e Chantelat (1993), existe um número crescente de habitantes que utilizam o espaço público para actividades desportivas, produzindo uma redefinição espacial nos centros urbanos. De acordo com os mesmos autores, é necessário perceber que o espaço sofreu alterações nas noções que o tornam apto para a prática desportiva, que as formas de cultura urbana se têm vindo a modificar, e que o desporto se tornou um dos registos desta transformação cultural. A compreensão destas novas formas de vida urbana depende do entendimento acerca da forma como a cidade foi mudando até aos dias de hoje.

Como parte desta transformação social e tecnológica, a forma de pensar, estilo de vida e lazer da população jovem foram profundamente afectados nas décadas mais recentes. Assiste-se, assim, a uma alteração na paisagem típica onde decorrem

¹ Faculdade de Desporto, Universidade do Porto.

as actividades desportivas juvenis de lazer. De acordo com Tajima (2005), muitos desportos alternativos recentes são praticados nas cidades, afectando, desta forma, o espaço público. Neste sentido, as transformações ocorridas nas várias formas desportivas tornaram certos desportos aptos para ocupar o espaço urbano. Por sua vez, também a cultura urbana progrediu englobando o desporto como um dos registos desta transformação cultural. Tendo em conta esta realidade, o objectivo deste trabalho, que representa o trabalho desenvolvido numa Dissertação de Mestrado e Actividade Física e Saúde da Faculdade de Desporto da Universidade do Porto, é uma análise da cidade do Porto, em particular dos locais de prática desportiva utilizados na cidade. Numa fase inicial construímos um quadro teórico em torno das culturas juvenis, passando pelas produções e apropriações do meio urbano e pelas vivências da cidade através dos desportos urbanos alternativos. Na fase seguinte partimos para o trabalho de campo. Para tal, recorremos à observação directa de praticantes de desportos alternativos urbanos nos espaços que possam ocupar, a entrevistas realizadas aos praticantes e a uma cartografia, recorrendo também ao suporte fotográfico como meio complementar de recolha de dados. Tal como vários trabalhos² procuraram perceber que tipo de estruturas seriam promotoras de actividade física como especial ênfase no deslocamento a pé e de bicicleta, surge a questão: Quais são as características (físicas; geográficas; sociais...) que tornam um espaço urbano próprio para a prática desportiva por parte da população jovem? Esta questão direccionou-nos no sentido de tentarmos entender quais são as características que tornam um espaço urbano próprio para a prática dos desportos urbanos. O objectivo será, então, mais do que uma análise da cidade do Porto, a criação de uma ferramenta que permita entender quais as melhores formas de promoção de estilos de vida saudáveis, independentemente da zona geográfica ou faixa etária da população alvo. Começamos por analisar o fenómeno das culturas juvenis para melhor entender de que modo o meio urbano é apropriado pelas mesmas. Posteriormente, exploramos os meios através dos quais a cidade é explorada pelos jovens de maneira activa, isto é, através de actividades desportivas.

1. Culturas Juvenis: estruturas de lazer e sociabilidade

Sendo os anos da adolescência muito importantes e frequentemente períodos de desenvolvimento emocional e físico difíceis, é também nestas idades que se estabelece a identidade através de opiniões, valores, estilos visuais e musicais e actividades de lazer. Estes factores têm uma relação directa com as escolhas dos adolescentes e jovens quanto a grupos sociais em que se inserem e tipo de actividades que desenvolvem nos seus tempos livres (Woolley e Johns, 2001). Como aponta Pais (1993), apesar de as actividades de grupos realizadas pelos jovens serem vistas, frequentemente, como sendo passivas, esta visão não corresponde à realidade. De facto, os tempos livres têm uma importância fundamental para os jovens, visto que estes períodos são utilizados para desenvolver o envolvimento social de uma forma autêntica, através da adesão a vários tipos de actividades e da construção de simbologias que acabam por reforçar a coesão do grupo. Como afirma o mesmo autor, “É neste não fazer nada que se desenvolvem

² P/ ex, Librett, Yore e Schmid (2003); Pikoraa, Giles-Cortia, Bulla, Jamrozika e Donovan (2003); Frank, Andresen e Schmid (2004).

as solidariedades e identidades grupais; é nestas ritualidades que se geram as múltiplas construções (e distorções) juvenis da realidade” (Pais, 1993: 108). Os tempos de lazer encontram-se, desta maneira, associados às práticas de sociabilidade, desenvolvidas no quadro de determinadas redes grupais. São estas identidades que, definindo-se por contraposição, umas em relação às outras, fazem ressaltar a importância do grupo de amigos enquanto reflexo da própria identidade tornando-se um veículo de vinculação de semelhanças e diferenças, que aproximam uns e afastam outros. Pais (1993) conclui, assim, que os tempos livres são verdadeiramente uma das dimensões mais importantes da vida quotidiana dos jovens. Estes períodos surgem como pilares para a definição e compreensão desta fase, quer surja como forma de ajustamento ao meio social envolvente, quer como meio de integração geral. Esta noção de tempos livres não deixa, então, de estar marcada pelos aspectos residuais que lhe são intrínsecos, o que lhe confere simultaneamente um certo nível de autonomia onde se assumem os valores que definem o grupo e o distinguem dos demais, onde no fundo, surgem e se demarcam as culturas juvenis. Tendo em conta esta noção de sociabilidade associada às práticas de lazer, é importante entendermos a expressão espacial das mesmas. Deste modo, partimos para uma exploração do espaço enquanto meio de produção e produto social.

2. O meio urbano: produções e apropriações do espaço

Para melhor entendermos a cidade enquanto espaço de vivência dos tempos livres devemos entender o que é o espaço enquanto meio social. Assim, tal como vários autores³, partimos da perspectiva de Henri Lefebvre, particularmente da forma como o autor descreve os modos de relação com o espaço em *La production de l'espace* (1981). Para Lefebvre (1981), o espaço é o produto social do corpo humano, isto é, em vez de definir o corpo através do espaço, Lefebvre explorou a forma como os corpos podem criar e produzir espaço. Focando-se assim no espaço social, argumentou que o espaço não é neutro e inerte, mas antes uma produção contínua de relações espaciais. A sua atenção na produção de espaços é um carácter estruturante do seu discurso, sendo o espaço social visto como algo que engloba as produções e as relações desenvolvidas na sua coexistência e simultaneidade. Como aspecto estruturante do seu trabalho, e assumindo também a importância desta perspectiva para o presente trabalho, emerge a sua tríade conceptual de compreensão da produção do espaço. Em *La production de l'espace*, Lefebvre (1981) identifica três momentos na produção do espaço social. Cada um destes momentos ou diferentes tipos de espaço social constituem a base da compreensão do espaço⁴: práticas espaciais; representações espaciais; espaços de representação (Espaço de Prática, Representações de Espaço e Espaço de Representação). É deste modo que podemos afirmar, em concordância com Lefebvre (1981), que, apesar de parecer redundante, o espaço é social. Algo como um espaço objectivo externo ao ser humano não existe e, com mais ou menos impacto, quase todo o espaço, nas nossas sociedades, é um produto da acção humana, de ideologias, de

³ Como p/ ex, Verlag (1993); Soja (1996); Ingen (2003); Guerra (2003).

⁴ Esta diferenciação e compreensão do espaço serão explanadas no confronto e compreensão dos nossos resultados.

relações sociais, ou de experiências humanas colectivas. Tendo em conta a configuração social dos intervenientes, tentar observar a dimensão espacial para além do social é, segundo Guerra (2003:80), “um exercício de mera abstracção”.

Sempre que se observam relações sociais é necessário ter presente que se inserem num espaço onde surgem associados, um espaço, uma configuração social e uma estrutura cultural. Como sugere Lopes (2000), é através destes factores, em conjunto com mecanismos de apropriação do espaço, que se geram estilos e usos combinando-se em formas particulares de vivência. A descoberta do espaço urbano constitui, assim, um processo que, segundo Lopes (2000), é capaz de desafiar a ordem hegemónica, através da criação de ocasiões de contestação e afirmação, superando os seus limites e constrangimentos. A cada nova forma que surge, a identidade colectiva da cidade vai-se diluindo até que cada grupo, cada subcultura, viva o meio de forma particular, representando-o e experimentando-o de maneira distinta.

A cidade, enquanto espaço urbano, é palco das várias culturas juvenis, encontrando-se algures neste conjunto, os desportos alternativos urbanos e a sua peculiar forma de afirmação no meio urbano. Deste modo, após verificarmos que o espaço não é algo que existe por si só, percebemos que é antes uma construção, uma produção social humana. Sustentados nas noções de espaço como um meio não estanque que se assume como produto e meio de produção social, é necessário verificar de que forma o mesmo é utilizado através dos fenómenos de apropriação que procuramos analisar.

3. Vivências da cidade através dos desportos urbanos alternativos

Chegados a este ponto, partimos para a análise de casos concretos que nos dão uma imagem mais clara de todo o raciocínio que fomos desenvolvendo. Assim, analisaremos os desportos urbanos alternativos como meio de apropriação do espaço urbano na criação de novos discursos e desenvolvimento das relações sociais. Como vimos, o espaço é um elemento fundamental no estabelecimento de relações de sociabilidade. No caso dos jovens, este espaço não é fixo, mas, conforme afirma Fusco (2007), encontra-se num constante estado de transição resultante de contínuas lutas dialécticas de poder, negociação, apropriação e resistência. No decorrer do seu estudo, o autor salienta o aumento da regulação e do controlo dos espaços juvenis poder ter implicações sérias para a sua capacidade de participar e criar posições subjectivas alternativas no que respeita à sua saúde e estilos de vida activos na cidade. Nesta perspectiva, Bach (1993) centra-se na exploração e apropriação do espaço urbano, evidenciando a importância das actividades informais no seio da população jovem. Para este autor, de forma a participar nestas actividades informais, os jovens apropriam-se de locais específicos, áreas que são primariamente utilizadas para outras actividades. Em vez de exigirem locais interiores e exteriores oficiais criados especialmente para determinados desportos, os praticantes destes desportos designam várias áreas expostas e visíveis de forma a torná-las temporariamente equipamentos próprios para a sua actividade física. Tal como demonstram Wheaton e Beal (2003), ter em conta a complexa associação entre a experiência vivida e as formas de visibilidade é fundamental para a compreensão das práticas desportivas, incluindo os desportos alternativos.

O espaço também pode ser espaço de confronto, reflectindo novas tendências sociais e novas expressões do fenómeno desportivo. Exemplo disso é o estudo de Camy, Adamkiewics, Chantelat (1993), que segue uma aproximação antropológica da prática desportiva nos locais públicos urbanos da cidade de Lyon. Para os autores, esta actividade contribui para moldar a cultura urbana contemporânea, visto ser o meio através do qual certos grupos sociais adquirem a sua identidade. No estudo destes autores foi possível observar o aparecimento de um novo fenómeno desde meados da década de 1970. Este fenómeno diz respeito ao crescente número de pessoas que desenvolvem actividades desportivas em espaços públicos. *Joggers*, escaladores, *skaters* e outros descobriram um novo espaço de prática expondo-se ao olhar dos habitantes da cidade e fazendo, assim, notar a sua presença. Face a este facto, os autores questionam a sua origem. De onde vem e como se explica esta redefinição da espacialidade? Poderá ser consequência da sobrelotação dos espaços tradicionais devido ao aumento da prática desportiva? Perante a constatação de que as pessoas procuram deliberadamente os espaços públicos, esta hipótese parece não explicar o fenómeno na totalidade. A hipótese proposta vai então no sentido de entender que o desporto sofreu alterações de forma a modificar os factores que tornam um espaço apto para a sua prática, tornando-o um registo desta transformação cultural.

As actividades desportivas tornam-se parte da paisagem urbana, sendo diferentes partes da cidade utilizadas para práticas distintas. Se, por um lado, os jardins públicos se enchem de crianças e população de terceira idade, por outro, quando a topografia da cidade o permite, adolescentes ocupam as zonas favoráveis às suas práticas físicas. Estas zonas não se limitam a espaços específicos, estendendo-se a todo o espaço ocupado, tanto no local de destino, como em todo o percurso para lá chegar. Exemplo dessa mobilidade e constante utilização do espaço é o uso que fazem os praticantes de *parkour*, como se verifica no trabalho de Carvalho e Pereira (2008). O *parkour* não era praticado apenas quando os jovens chegavam a um local específico, estendendo-se o local de prática a qualquer ponto ocupado. Quer estivesse num local previamente seleccionado ou se dirigisse para lá, era possível observar o grupo estudado em acção. Estava latente a necessidade de desconstruir barreiras onde quer que estivesse e, se por vezes, essa necessidade não era tão perceptível, em outras ocasiões a forma como o grupo se relacionava com o espaço era um autêntico símbolo desta necessidade. Como concluem Camy, Adamkiewics, Chantelat (1993), ao deixar as instalações especializadas, o desporto deixa a sua marca no espaço público. A prática de desporto nestes locais é vista como produto de uma escolha deliberada, tomando tamanha importância, que no coração da cidade, seja de forma mais espectacular ou de forma mais difusa, tornou-se um dos elementos constituintes da cultura urbana. Os desportistas que experimentam estas novas formas desportivas são simultaneamente iniciadores de uma nova prática e criadores de uma cultura urbana alternativa.

Toda esta dinâmica gerada por novas formas de viver o espaço público não está isenta de conflitos. Como apontam Karsten e Pel (2000), os jovens *skaters* negociam constantemente a utilização dos seus espaços preferidos. Os grupos de *skaters* estão sempre em movimento, o que faz com que o espaço que ocupam esteja constantemente a ser usado ou posto de lado. De certo modo, estes desportistas podem ser considerados nómadas da cidade, fazendo com que o seu mapa de utilização dos espaços esteja

sempre em mudança. No entanto, devido a algumas resistências que podem ir encontrando, por vezes os governos locais providenciam instalações próprias, como *skateparks*. Mas como as citadas autoras denotam, a cidade em si mesma permanece o paraíso definitivo.

O desporto é, portanto, um exemplo de uma actividade que, apesar de pequena escala, tem um impacto significativo nos *media*, moda, e cultura, sendo uma metáfora para o rápido ritmo da cidade. Apesar de não existirem muitos estudos relativos a outros desportos alternativos, o mesmo se pode dizer dos praticantes de *parkour* observados por Carvalho e Pereira (2008), ou os de *bmx freestyle* a que se refere Pedrazzini (2001). Como verificamos, existe uma relação complexa entre os praticantes destes desportos e o meio que os rodeia e, tendo em conta o objectivo deste trabalho, não podemos compreender correctamente essa relação se não explorarmos as razões que levam à escolha de um local para a prática desportiva. Segue-se uma breve descrição dos meios utilizados para levar a cabo o trabalho a que nos propusemos.

4. Campo Metodológico

Apresentamos agora os procedimentos metodológicos utilizados para levar a cabo os objectivos traçados para este trabalho, bem como algumas considerações que foram tidas em conta no momento da sua aplicação.

O local: Constitui-se como o conjunto de espaços que, na cidade do Porto, servem o propósito da prática de actividades físicas informais por parte dos jovens da cidade. Os contactos estabelecidos neste local rapidamente nos levaram para outros pontos da cidade, dos quais se destacaram a Batalha, a Praça dos Leões, a Estação da Trindade, a zona em volta do Edifício Transparente, a Zona Histórica da cidade e o Centro Comercial Itália.

Os intervenientes: Foram todos os praticantes de desportos informais que façam da cidade do Porto o seu local de prática. Se inicialmente não tínhamos alguma expectativa em relação aos desportos que íamos encontrar, no final do trabalho de campo percebemos que os intervenientes, isto é, os jovens que utilizam a cidade do Porto para a prática de desportos informais, são essencialmente praticantes de desportos alternativos urbanos.

A observação: Visto que pretendíamos observar as características do espaço, assim como a forma como os intervenientes se relacionam como o mesmo, optámos pelo método de observação directa. Como denota Costa (1986), a observação directa refere-se a um conjunto de técnicas de observação visual e auditiva que não envolvem a interacção verbal directa, supondo, na maioria dos casos, o anonimato do investigador. A observação directa foi direccionada tendo como ponto focal as características do espaço e a forma como os intervenientes as vivem, mas foi simultaneamente aberta, visto que não foi utilizada uma grelha específica de observação, que na nossa perspectiva poderia ocultar factos relevantes para o trabalho. De forma a construir uma aproximação gradual dos sujeitos observados, fomos estabelecendo breves conversas com os praticantes no sentido de perceber que outros locais utilizavam na sua prática

desportiva. À medida que o tempo foi passando passou a ser normal a presença de alguém externo que observava, tirava notas e fotografava, com o intuito de, segundo tivemos o cuidado de informar, fazer um trabalho sobre a prática desportiva na cidade do Porto. Na maioria dos casos, a estratégia adoptada foi abordar alguns praticantes à chegada ao local e depois encontrar um local onde fosse possível tirar notas e fotografias sem que a presença fosse demasiado notada. Em locais como a Casa da Música, dado o constante fluxo de pessoas, não foi difícil encontrar vários pontos privilegiados de observação. No entanto, em locais como o Centro Comercial Itália a presença era muito notória visto que pelo local de prática passam poucas pessoas. Nestes casos, optou-se por entrar em contacto com os praticantes e encontrar uma localização que não perturbasse a sua prática. A recolha desta informação decorreu entre Janeiro e Maio de 2009, optando-se por tirar notas no local para que posteriormente se procedesse a uma descrição mais pormenorizada no diário de campo.

As entrevistas: As entrevistas têm como principal função complementar a informação obtida na observação. Optámos pelas entrevistas semi-estruturadas⁵ que foram divididas em duas temáticas, a relação com o espaço e a relação com o desporto praticado. A estrutura do guião foi influenciada pelo estudo de Wolley e Johns (2001), no qual os autores exploraram a forma como se vive o *skate* em três grandes cidades inglesas, chegando à conclusão que, para a população analisada, existem quatro factores importantes na escolha de um local: a acessibilidade, a compatibilidade, a sociabilidade e as características para a prática. A acessibilidade diz respeito à tentativa de encontrar um local central acessível a todos; apesar de esta actividade tomar lugar um pouco por toda a cidade, parece existir sempre um local central acessível a todos. A compatibilidade refere-se à harmonia existente num determinado espaço entre *skaters* e a restante população. Este é um factor importante já que o local principal nunca poderá ser localizado numa zona em que existam conflitos com a população ou autoridades. A sociabilidade é a característica do local que permite “relaxar” e estar com os amigos. Como concluíram os autores, muito do prazer inerente à prática do *skate* vem do facto de permitir relações de sociabilidade num ambiente descontraído, onde podem descansar entre sessões e aprender observando os outros. Por último, um local não é bom se não permitir realizar um determinado número de manobras. No caso do *skate*, existem várias que se podem realizar utilizando apenas o solo, mas o prazer da prática vem com desafios maiores como escadarias, corrimões ou blocos de betão. Adicionalmente, incluímos uma categoria que diz respeito ao significado da prática para o sujeito, visto que a importância dada ao desporto praticado e a forma como este se insere no quotidiano, pode também direccionar o processo de selecção de um local de prática. Assim, a primeira pergunta foi no sentido de tentar entender quais são as motivações do praticante ao escolher aquele local, sendo o desenvolvimento da conversa guiado pelas categorias: Acessibilidade; Sociabilidade; Compatibilidade e Características do Local. A segunda questão diz respeito à importância da prática para o praticante, isto é, os vários significados que podem estar inerentes à prática

⁵ Burgess (2001), p/ ex, refere as entrevistas semi-estruturadas como forma de aprofundar o conhecimento obtido a partir da observação participante, uma vez que esta permite a existência de um esquema, tornando-se a melhor escolha para os objectivos deste trabalho.

desportiva. Desta forma, demos espaço à construção de discursos que visassem vários motivos, tais como, Relações Sociais ou Práticas de Lazer. Adicionalmente, as entrevistas foram complementadas com uma breve anamnese⁶, cujo objectivo foi dar resposta a algumas necessidades impostas pelo uso da cartografia. Como forma de tratamento das entrevistas, depois da sua transcrição, procedemos à análise de conteúdo no sentido de organizar e tornar mais claro o discurso dos intervenientes.

A Fotografia: Tem vindo a ganhar importância em estudos de carácter sociológico ou antropológico. Tal como denota Harper (2002), esta técnica começou a ser ponderada, uma vez que muitos dos trabalhos de fotojornalistas ofereciam vantagens aos sociólogos que procuravam uma sociologia mais crítica e directa, mesmo reconhecendo que a estes trabalhos faltava o enquadramento e suporte teórico sociológico. A fotografia foi assim ganhando o seu espaço, havendo sempre lugar para a argumentação relativa às limitações deste método. Limitações essas que, sendo apontadas de igual forma a dados empíricos como as notas de campo, não impediram que estas se tornassem instrumentos válidos de recolha de dados. Neste sentido, tivemos presentes as considerações de Prosser (2001), segundo o qual as notas de campo e outros tipos de dados empíricos como as fotografias, podem não fornecer dados específicos e objectivos acerca do mundo social, mas podem revelar atributos característicos de pessoas, objectos, ou acontecimentos, que podem escapar à descrição do investigador. De facto, através do uso de fotografias foi possível descobrir e demonstrar relações subtis que facilmente nos poderiam escapar. Uma outra vantagem apontada pelos autores refere-se ao facto de a câmara ter a capacidade de gravar dados visuais, sem o factor do cansaço, o que sugere que os registos da câmara podem complementar as notas de campo recolhidas por um investigador, especialmente, nas jornadas mais longas. Assim, os dados recolhidos foram usados tanto como complemento ao diário de campo, como para recolher de forma sistemática dados, direccionando a atenção para a captação de objectos, acontecimentos, lugares, sinais e símbolos, ou interacções comportamentais. Neste contexto, por um lado, as fotografias constituíram-se como um meio complementar ao diário de campo, por outro, permitiram recolher, de forma sistemática, informações em relação às características dos espaços utilizados, acontecimentos relevantes e a interacção dos praticantes com o espaço. No que diz respeito aos procedimentos, seguimos as advertências de Prosser (2001) para quem, se queremos legitimar os dados recolhidos, será necessário complementá-los com o máximo de detalhe. Deste modo, os dados recolhidos devem ser sempre acompanhados por apontamentos, notas de campo, descrições geográficas, informações históricas, políticas e sociais, isto é, toda a informação que possa ajudar a interpretação da fotografia. O uso da fotografia neste trabalho tem como base uma grelha que reúne informações pertinentes, tais como: data; local; hora; autor; situação contextual⁷.

⁶ A anamnese será alvo de descrição mais pormenorizada na secção dedicada à cartografia

⁷ Passa pela descrição da situação presente na fotografia, podendo igualmente conter informações sobre o conhecimento ou não da situação pelos fotografados, as reacções dos mesmos à fotografia, etc. Pode também ter lugar a descrição do contexto envolvente de proximidade.

A cartografia: Aqui, procuráramos a colaboração por parte da MAPoteca da Faculdade de Letras da Universidade do Porto, cujo responsável acompanhou o processo de recolha de dados no sentido de nos elucidar quanto aos dados que seriam necessários para a construção dos mapas que propusemos. Estes foram recolhidos através da já referida anamnese, na qual constam informações relativas a: Idade; Sexo; Freguesia de Residência; Desporto Praticado; Meio de Transporte para os Locais de Prática; Frequência Semanal de Prática. Os dados recolhidos foram transformados em informação visual sob a forma de mapas na MAPoteca.

5. Apresentação e Discussão dos Resultados

5.1 Os praticantes

O trabalho de campo iniciou-se através de deambulações pela cidade do Porto em busca de jovens que utilizassem os espaços da cidade para a prática de desportos informais, uma vez que um dos objectivos era perceber, através dos praticantes, que tipo de actividades desportivas é valorizado. O que encontramos foi um cenário dominado pelos desportos alternativos urbanos, através dos quais vários grupos de jovens ocupam algumas zonas da cidade que partilham a característica de não terem sido criadas com o propósito da prática desportiva. Ao longo do trabalho de campo foi notório o aumento do número de praticantes, que passaram de algumas dezenas no início do ano de 2009, para cerca de uma centena já no final de Maio do mesmo ano. Tendo observado um grande número de praticantes, o número de entrevistas realizadas tinha que espelhar essas mesmas constatações. Assim, no que diz respeito à recolha de dados através de entrevistas semi-estruturadas, a população estudada foi de 70 praticantes. Os dados recolhidos através da anamnese presente na primeira parte das entrevistas fornecem-nos já uma visão global que permite caracterizar, sob vários aspectos, a população observada. Temos, de uma forma geral, uma população adolescente essencialmente entre os 14 e os 16 anos, na sua grande maioria estudante, com um número substancial de residentes fora da cidade do Porto, que depende da rede de transportes públicos para treinar entre uma a mais de três vezes por semana na cidade do Porto. Recolhemos, deste modo, um conjunto de informações importantes e reveladoras de várias características dos sujeitos entrevistados, mas que acima de tudo levantam um conjunto de questões cuja resposta requer um nível de análise diferente. Quem são estes jovens que utilizam a cidade como palco das suas práticas desportivas de cariz informal? O que os faz escolher estes locais? Serão um fenómeno isolado ou representativo de uma nova forma de relação entre corpo e espaço, na qual os desportos alternativos urbanos assumem especial importância?

Em primeiro lugar, o que sobressai é a existência exclusiva de praticantes de desportos urbanos alternativos durante as observações, o que por si só já é ilustrativo da crescente popularidade que este tipo de actividades tem vindo a ganhar. Senão, veja-se o exemplo da comunicação social, onde dificilmente se encontra algo direccionado para a população jovem que não faça referência a algum dos desportos praticados pela população em estudo. Facto constatado por Carvalho e Pereira (2008) relativamente à crescente popularidade do *parkour* que entre 2007 e 2008 esteve presente em várias publicações. Desde periódicos a revistas de cultura urbana, passando também

pelos séries de televisão juvenis, ficou demonstrada a tendência para o aumento da popularidade deste tipo de actividades entre a população jovem. A estas constatações podemos acrescentar as conclusões de estudos como os de Camy, Adamkiewicz e Chantelat (1993), Lopes (2000) ou Bach (1993), que descrevem como o espaço urbano se constitui o meio através do qual se movem as culturas juvenis, se desenvolvem e se diferenciam, e se apropriam de locais específicos, primariamente concebidos para outras actividades. Percebemos, portanto, que esta é uma tendência que se vem desenvolvendo há já algum tempo e que está a desenvolver-se de forma notória na cidade do Porto, servindo não só para aumentar os níveis de actividade física dos seus praticantes, mas também como veículo promotor destas actividades que cada vez se tornam mais apelativas a esta faixa etária.

Uma das categorias que assume grande importância é a Sociabilidade, isto é, um conjunto de características de um espaço que permitem, para além da prática, o convívio, a socialização, entre os elementos dos vários grupos. De acordo com o que verificámos através de Lefebvre (1981), o espaço é o produto social do corpo humano, não é neutro e inerte, mas antes uma produção contínua de relações espaciais. Aquilo que foi possível verificar através das observações, foi que estes processos paralelos à prática desportiva assumem tanta ou mais importância que a própria prática, como demonstra o seguinte excerto do diário de campo: “Não foi difícil perceber que o que se passava, acima de tudo era uma reunião de amigos, com o *skate* como pano de fundo. (...) as relações de sociabilidade que se desenvolvem durante a prática são tão ou mais importantes que o próprio desporto.” De facto, em qualquer dos locais observados, encontravam-se tantas pessoas a praticar como pessoas sentadas em grupo a conversar. Como sugere Lefebvre (1981), os Espaços de Prática demonstram as formas como se dá a interacção entre o corpo e o espaço, sendo o movimento e a actividade física formas representativas destes espaços, estando então associados às Características do Espaço. Por outro, as Representações do Espaço e o Espaço de Representação surgem fortemente associados a esta categoria. As Representações de Espaço dizem respeito às relações de produção e à ordem que tais relações impõem e, por conseguinte, ao conhecimento, sinais, códigos, e relações frontais. Sendo elementos fundamentais, estes são condensados em representações passíveis de comunicação, regulando e controlando, por exemplo, o desporto e a sua prática. Por sua vez, os Espaços de Representação referem-se a espaços vividos directamente através da associação de imagens e símbolos, sendo, portanto, o espaço dos habitantes e utilizadores. Estes espaços surgem de forma individual ou colectiva e são dinâmicos permitindo a criação de geografias alternativas. Podemos, assim, relacionar o Espaço de Representação com o observado relativamente a esta categoria, na medida em que é através do mesmo que se desenvolvem actividades e relações que asseguram a identidade de cada grupo e de cada actividade desportiva. Desta forma, nem todos os grupos de *skaters* são iguais, havendo também uma diferenciação de actividade para actividade, sendo que, por outro lado, existe uma vontade de apropriação do espaço através dos desportos que praticam e que os une na tentativa de se representarem e tornarem visíveis através das suas práticas. Para além das conclusões que pudemos tirar das observações, o próprio discurso dos entrevistados foi no sentido daquilo que havíamos observado. De acordo com um dos entrevistados, “Venho sempre com amigos por isso é importante

que o espaço tenha sítio para nós estarmos e andarmos (de *skate*)”. Percebe-se, pois, a importância das relações sociais que se estabelecem nestes períodos, até porque normalmente se estendem para além de uma sessão de treino, como podemos perceber pelos seguintes excertos de duas entrevistas: “Gostamos de estar na boa, não é preciso estar sempre a treinar e é bom ter sítios em que podemos fazer isso”; “podemos estar uma tarde inteira a treinar ou a descansar sem problemas”. Compreende-se, portanto, que os jovens praticantes destes desportos não os vivem como uma mera prática, estes fazem parte do seu quotidiano e do seu círculo de amigos.

Uma outra categoria que ajudou a caracterizar a população em estudo foi a Compatibilidade, isto é, o conjunto de características que conduzam ou não a conflitos entre os praticantes e a restante população ou autoridades. De forma geral, através das observações, verificámos que existe uma tentativa de não criar situações problemáticas por parte dos praticantes, ainda que, por vezes, a sua prática interfira com a trajectória de alguns transeuntes. Tal como se verifica em trabalhos como os de Karsten e Pel (2000), Pedrazzini (2001) ou Steyn (2004), a escolha de locais públicos, ainda que tentando não gerar problemas, é uma característica destes grupos que se prende frequentemente com a própria identidade cultural, estando por vezes associada a manifestações de resistência social. O mesmo verificaram Carvalho e Pereira (2008) relativamente à forma como os elementos de um grupo de *parkour* se apropriavam dos espaço envolvente, ora de forma discreta, ora criando situações de desafio face às pessoas que os tentavam expulsar. No entanto, e sendo esta uma análise que tem por base um quadro teórico fortemente direccionado para as relações estabelecidas entre as culturas juvenis e o espaço urbano, podemos interpretar os fenómenos observados da forma que expusemos anteriormente. Não obstante, não podemos esquecer o próprio discurso dos intervenientes, segundo os quais, “Um sítio onde ninguém nos venha chatear (sic) é o que procuramos”, uma vez que parece ser “muito importante estar à vontade, porque há sítios como na Maia onde já arranámos problemas (sic), mas aqui no Porto não costuma haver tantos”. Facto confirmado por outro entrevistado, segundo o qual “Gosto de andar no Porto porque nunca tive problemas nem com pessoas nem com polícias”.

A segunda pergunta foi a que gerou respostas mais consensuais e a que permite um olhar mais aprofundado sobre o significado destas práticas para os sujeitos em questão, como se pode verificar nos seguintes excertos: “parte dos meus tempos livres e ajudou-me a fazer amigos”; “O breakdance é aquilo com me identifico, faz parte de quem eu sou”; “A mim isto faz-me sentir livre, deixas de pensar nos problemas e entras no espírito da dança”; “Mal acordo penso logo ‘onde é que está o meu skate’. É uma parte muito grande do meu dia, é a minha forma de estar.” De acordo com Carvalho e Pereira (2008), de forma geral, independentemente da cultura juvenil, existe uma ideologia própria, um carácter de resistência social, um conjunto de normas de comportamento em grupo e de construção de uma identidade no seio do grupo, e uma simbologia e estética particular. Assim, apercebemo-nos que quer estejamos a investigar uma forma desportiva ou algum estilo musical, o modo pelo qual um membro dessa subcultura entende o mundo e se relaciona com os seus pares e restante sociedade, está organizado segundo um conjunto de princípios que o direccionam para uma forma de pensar, de agir, de comunicar, de se apresentar e de interagir. É precisamente essa forma que foi

possível vislumbrar tanto através das observações como, posteriormente, através das entrevistas. Embora o principal objectivo deste trabalho não seja o de identificar as características culturais de cada grupo, é relevante a criação de uma caracterização geral dos praticantes observados, uma vez que, segundo Carvalho e Pereira (2008), a análise da relação com o risco, com as formas desportivas clássicas e com os novos repertórios de movimento corporal, permite, olhando para lá das diferenças técnicas de cada desporto, afirmar que os praticantes dos desportos alternativos urbanos têm um perfil sócio-cultural próximo. Se a esta constatação aliarmos exemplos de troca de influências ideológicas entre desportos alternativos, como demonstra Humpreys (1997) num estudo em que é possível verificar relações ideológicas entre o *skate* e o *snowboard*, a semelhança no perfil sócio-cultural torna-se ainda mais consolidada.

Apesar da escassez de estudos relativos às influências culturais específicas de cada um destes desportos, pode-se afirmar que a ideologia relativa à prática é semelhante e que as outras influências ideológicas podem surgir do contacto entre os vários desportos alternativos urbanos, facto que nos permite tentar traçar um perfil geral da população em estudo. Neste contexto, no que diz respeito à ideologia, os dados recolhidos a partir das observações vão no sentido de uma prática direccionada para o lazer, isto é, não foi possível observar a atmosfera típica de um treino de alto rendimento. Não observámos nenhuma estruturação do dia de treino, nem um conjunto de atitudes direccionadas apenas para a melhoria na performance desportiva. Em todas as observações, independentemente do local ou desporto praticado, era possível observar, conforme se verifica na seguinte passagem do diário de campo, uma “uniformidade de atitudes e representações, que assumiam, essencialmente, a forma de uma atitude descontraída e de fruição do momento”. Também as entrevistas demonstraram o mesmo, acrescentando sob o discurso dos praticantes a importância que a prática destes desportos assume na própria identidade dos praticantes, como se pode verificar no seguinte excerto de uma entrevista: “O *parkour* é um modo de vida, não é a mesma coisa que jogar futebol, é paixão mesmo. Sem dúvida que envolve a minha identidade”. Com estes testemunhos entende-se que a prática ultrapassa o momento de treino e transpõe-se para o quotidiano, para a própria identidade do sujeito, na maioria das vezes de uma forma que está longe do espírito competitivo dos desportos de alto rendimento.

Relacionada com a identidade, vêm os discursos e atitudes de resistência social. Da mesma forma, Beal (1995) aponta a criação de formas alternativas de normas e relações que enfatizam a papel do participante, como um modo de resistência na subcultura do *skateboarding*, desporto que os seus praticantes definiam como uma forma de vida e não como uma via de profissionalização. Estes estavam interessados em aproveitar a prática para experimentar novos espaços e conhecer novas pessoas, algo que podemos interpretar na atitude dos praticantes observados como um meio de resistência social já que a maioria não parecia minimamente interessada em qualquer aspecto competitivo, que, de resto, qualquer um dos desportos observados já tem⁸. O clima descontraído contrariava, deste modo, a pressão dos desportos alternativos de

⁸ Apesar de estarem, durante as observações, a ser praticados de modo informal, os desportos descritos têm um esquema de competições com campeonatos nacionais e internacionais.

alto nível, relacionada com patrocínios e eventos internacionais. Aqui, como vimos pelas passagens anteriores, não existem muitos praticantes interessados em competir, mas sim em divertir-se e em conviver com os amigos, como se pode ver no discurso de um dos entrevistados: “Ando por gosto, divirto-me com os amigos, passo um bom tempo...”

Quanto aos modos de representação, pode também traçar-se um retrato geral. A forma como os membros de uma cultura juvenil utilizam o vestuário, a linguagem, e várias outras formas simbólicas, faz com que sejam facilmente identificados como pertencentes a um determinado grupo. Na realidade, como refere Steyn (2004), é necessária a clarificação das dimensões que os jovens valorizam, de modo a poder entender de que maneira, as tão valiosas relações de sociabilidade, se estabelecem e quais os meios que utilizam para comunicar as suas semelhanças e diferenças. Só desta forma se poderá entender como as actividades desportivas podem incorporar discursos representativos, tornar-se elas próprias símbolos de várias culturas juvenis. O autor dá ainda como exemplo o facto de a tábua de *skate* se constituir um elemento simbolicamente importante por se tornar numa micro-representação do *skater*. É neste sentido necessário analisar a importância que o poder representativo destes símbolos tem no seio de um grupo. No caso dos sujeitos observados, a representação visual assumia-se como tipicamente relacionada com os desportos alternativos urbanos. O vestuário era sempre confortável, mais ou menos desportivo, normalmente com *t-shirts* ou *sweatshirts* de marcas relacionadas com o desporto praticado e com calças normalmente largas. O calçado também era desportivo, mas mais uma vez variava conforme o desporto praticado, sobretudo no que diz respeito à marca. Como se verifica no seguinte excerto do diário de campo, existia uma “uniformidade quanto à forma como os praticantes agiam e se apresentavam. O visual era marcadamente relacionado com este tipo de práticas, e as atitudes eram descontraídas, ainda que cientes do que tentavam representar”.

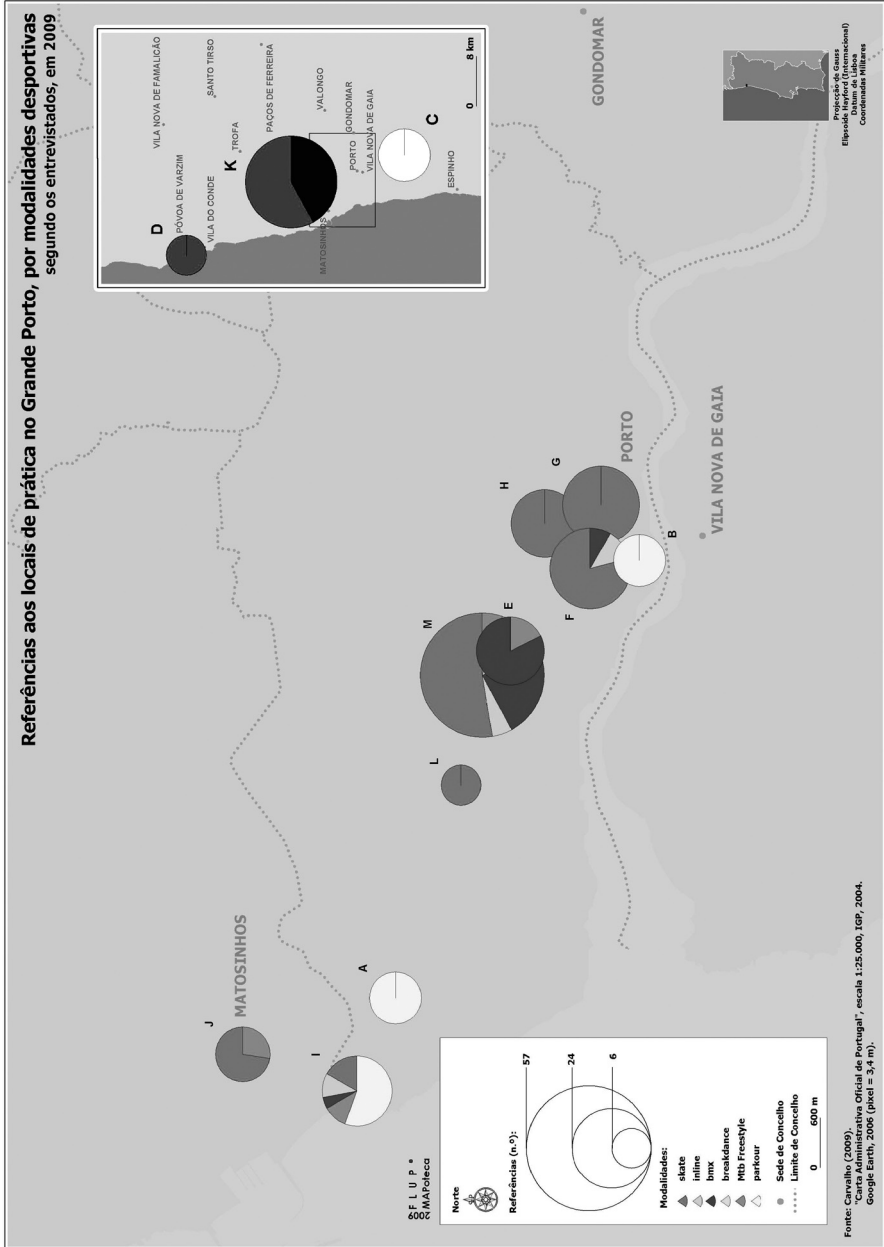
Em relação à linguagem, como seria de esperar, cada desporto tem os seus termos próprios que cada praticante utiliza para se identificar com os praticantes do mesmo desporto por um lado, e se diferenciar dos restantes, por outro. Por fim, este conjunto de características que foram sendo apontadas até ao momento permite a construção de uma identidade que define o praticante. O processo de construção dessa identidade é desenvolvido através de uma rede complexa de símbolos, conhecimentos e atitudes que vão no sentido de consolidar a posição de um indivíduo num determinado contexto. Tal como evidencia Hunter (2002), a identidade social refere-se à forma através da qual, indivíduos e grupos são distinguidos nas suas relações sociais com outros indivíduos e grupos. Subsequentemente, a identidade social é tão necessária ao desenvolvimento de relações sociais, como o inverso. No caso da população observada, a identidade de cada um é constituída por um conjunto complexo de características que vão desde a atitude face ao desporto praticado, à forma como se representam perante os restantes, ao tipo de linguagem que utilizam, ao tipo de relacionamento com os colegas e com os praticantes de outros desportos e até ao tipo de equipamento utilizado. Este conjunto de características, uma vez contextualizado num espaço, relaciona-se directamente com o Espaço de Representação de Lefebvre (1981). Este espaço combina, assim, os espaços anteriores Espaço de Prática e Representação do Espaço, dando lugar

a espaços geográficos e historicamente delimitados, sendo resultado de práticas espaciais socialmente específicas. Este é o espaço das lutas sociais e de discursos de resistência social, sendo importante entender que este é um espaço tanto opressivo como libertador. Deste modo, este é um conjunto de praticantes que apesar de poder ser caracterizado de uma forma geral, tem as suas particularidades e variações de grupo para grupo e que, no final, vão determinar o tipo de estruturas seleccionadas para a prática desportiva. Em última análise, é o tipo de conhecimento que foi agora desenvolvido em relação aos intervenientes que nos permitirá passar à fase seguinte, isto é, à análise dos espaços propriamente ditos, enquanto meio que propiciam a prática de desportos informais por parte da população jovem na cidade do Porto.

5.2 Os Locais de Prática

O Mapa 1 reúne várias informações, que vão desde os locais de prática referidos pelos entrevistados, aos locais onde foram realizadas as entrevistas, passando pelos fenómenos de aglomeração e dispersão na utilização dos espaços. Neste mapa é possível observar uma maior concentração Baixa da Cidade, sendo que vai havendo uma maior dispersão à medida que nos afastamos da mesma. No entanto, devemos lembrar que apesar desta concentração, aquele que consideramos o ponto central dos fenómenos estudados se situa um pouco mais afastado, na Casa da Música. Este mapa levanta, assim, uma questão essencial, isto é, porque razão se dão estes fenómenos de concentração e porque é que se concentram na Baixa? Podemos fazer uma aproximação centrada nos praticantes, ou seja, resgatar as conclusões de Pais (2004). Como esclarece o autor, os espaços ocupados afirmam-se como um desejo de expansão, sendo impresso no centro urbano, criando registos, símbolos de passagem e vivência. É, por isso, importante ter atenção à presença destes elementos, uma vez que são eles que nos mostram que o espaço é uma produção feita de movimentos, gestos e cumplicidade que representam quem os realiza. Tendo esta característica representativa, terão necessariamente que conferir visibilidade aos seus ocupantes. E, possivelmente, não haverá melhor local para isso que a Baixa de uma cidade. É de referir ainda que no mapa são visíveis localizações que foram mencionadas pelos praticantes entrevistados na cidade do Porto, mas não foram por nós analisadas. Referimo-nos às que se localizam fora dos limites da cidade, cuja correcta análise implicaria a extensão do estudo, não só ao local, mas também à cidade onde se situa, sendo necessário realizar para as cidades onde se situam estes pontos, o mesmo tipo de análise que se levou a cabo no Porto. É possível, também, verificar o modo como vai variando o tipo de desporto praticado e o número de praticantes. Como tal, a importância deste mapa não reside na apresentação de números para cada local, mas na apresentação de uma informação visual que torna a interpretação dos dados mais fácil e acima de tudo mais aprofundada. Podemos verificar a forma como a Baixa da cidade é dominada pelo *skate*; como apesar das poucas referências, a zona do Edifício Transparente se revela a mais polivalente; e como o *parkour*, com as suas particularidades técnicas, consegue ter a utilização exclusiva de dois locais de prática, assim como uma presença predominante no Edifício Transparente. Neste caso, as questões levantadas pela cartografia vão no sentido de perceber a razão para tal distribuição. Se algumas razões são fáceis de relacionar com factores como as características do local, outras permanecem por

desenvendar, uma vez que sob a pena de nos desviarmos do tema central, tendo em conta os limites temporais para a realização deste trabalho, não foi possível explorar. Os factores relacionados com as características dos locais dizem respeito ao facto de, por exemplo, um local óptimo para a prática do *parkour*, ser possivelmente impeditivo



da prática de outros desportos. No entanto, estes factores são desenvolvidos mais aprofundadamente no subcapítulo seguinte.

6. Análise a partir do Sistema Categorical

6.1 Características do local

Esta categoria diz respeito à forma como as características físicas de um local podem ter influência na sua escolha para a prática desportiva. Ao longo das observações fomos nos apercebendo de diversas características que alguns locais tinham em comum, como por exemplo, um piso liso. Tendo em conta o número de praticantes de *skate*, é compreensível que esta seja uma característica frequentemente referida como importante. Verificamos, também, que para a prática foi salientada, nas entrevistas, a importância da existência de obstáculos, uma vez que é sobre os mesmos que se realizam muitas das manobras dos vários desportos, e a sua presença ajuda a tornar a prática mais desafiante. Se durante as observações fomos percebendo as peculiaridades de cada local e a importância de determinadas estruturas, como corrimões e escadaria, nas entrevistas, o discurso dos praticantes tornou mais clara a necessidade de existência destes elementos. Como se pode verificar nos seguintes excertos, é necessário “Ter um pavimento liso e muitos sítios para se andar bem e ter alguns obstáculos”. Desta forma, segundo os mesmos, são procuradas “rampas, obstáculos, tudo o que dê para fazer manobras”. No entanto, nem todos os praticantes procuram o mesmo, no caso do *breakdance* foi referido que era importante: “Estar ao ar livre, no centro da cidade, ter um chão bom para dançar”. Já para os praticantes de *parkour*, “O Porto é fixe (sic) porque é diferente do que estamos habituados, é uma área urbana com obstáculos muito diferentes, o que faz com que fazer *parkour* aqui seja muito diferente e faz-nos evoluir.”



1. Obstáculos trazidos pelos praticantes para a Casa da Música.

Tendo uma noção geral daquilo que é valorizado pelos praticantes observados, faremos agora uma “viagem” pelos vários locais, analisando aquilo que oferecem em termos estruturais e tentando compreender que importância tem esta categoria na escolha de cada um. Ao observarmos a Casa da Música, concluímos que este não parece um local perfeito para prática destes desportos, não sendo seguramente as características físicas do local a razão para afluência que se verifica. De acordo com os entrevistados, é importante a existência de obstáculos, elementos esses que não existem neste local, sendo necessário complementar com elementos externos, como se verifica na Fotografia 1. Por outro lado, no caso do *breakdance*, os praticantes referiram características que a Casa da Música, sem dúvida, oferece.

Porém, de forma geral, o sentimento em relação a este local é bem expresso nas palavras deste *skater*: “Procuramos um chão bom como o da Casa da Música, mas já estamos fartos (sic) porque não tem obstáculos, é só mesmo o chão e por ser tão conhecida”.

Logo desde as primeiras observações percebemos que teria de existir algo mais para além das características físicas do local, visto que não existem os obstáculos típicos deste tipo de desportos. As razões da popularidade deste ponto estarão, assim, mais relacionadas com outras categorias. Ficam, assim, em aberto as questões relacionadas com a Acessibilidade, a Sociabilidade e a Compatibilidade, uma vez que este é um local central e com muita visibilidade, com transportes públicos em seu redor, e onde, aparentemente, existe uma boa aceitação por parte da população.

O caso do Edifício Transparente é oposto à Casa da Música, uma vez que tem escadarias, rampas e corrimões, e tem um bom piso; não obstante tem uma afluência reduzida, quando comparado com o local anterior. Na Baixa da cidade existem três locais com algumas semelhanças. Começamos pela Estação da Trindade. Apesar de ter algumas referências por parte dos entrevistados, este local foi apenas mencionado por *skaters*, sendo os mesmos, os únicos praticantes observados durante o trabalho de campo. É um local que oferece apenas uma das características que foram apontadas como boas para a prática, isto é, o piso. De resto, como se pode ver na descrição do espaço, é uma zona ampla e sem grandes mais-valias para a prática, o que torna o número de referências⁹ mais alto que o esperado, sendo de esperar que as razões da prática neste local se prendam mais com as restantes categorias.

Quanto à Praça dos Leões e à Praça da Batalha, estas são estruturalmente semelhantes, na medida em que possuem um bom piso e contam com a existência de obstáculos. O número de referências é semelhante para os dois locais, sendo o que os distingue a variedade de desportos praticados. Através das observações, foi possível concluir que estes são talvez os dois locais com um maior equilíbrio na forma como o peso de cada categoria afecta a sua escolha, ou seja, existe uma boa acessibilidade, são locais centrais e de referência com muita visibilidade, onde, normalmente, não existem problemas de compatibilidade com a população e autoridades e, como já referimos, com algumas condições para a prática. Quanto ao Centro Comercial Itália, a importância das características físicas é evidente, uma vez que o local se assemelha muito a um *skatepark*. A existência de rampas, *quarter-pipes*, lombas e bancos torna-o

⁹ Como se pode verificar no Mapa 1.

perfeito para a prática dos desportos referidos para este local. No entanto, apesar de, aparentemente, a estrutura ter sido pensada para a prática desportiva, o facto de ter um piso que impossibilita a prática de *skate* e *inline*, faz-nos questionar se a escolha do mesmo terá em vista a dissuasão da prática desportiva naquele local.

Tendo em consideração que a Zona Histórica e o Parque da Cidade foram apenas referidos por praticantes de *parkour*, analisamos agora estes locais de acordo com as características que permitem a prática deste desporto e desencorajam a prática dos restantes. Ambos os locais têm vários obstáculos do agrado dos *traceurs*, como por exemplo muros e estruturas altas, que dificilmente poderiam ser utilizados para a prática dos restantes desportos, como se pode verificar na Fotografia 2. Adicionalmente, o próprio piso que é indiferente para a prática de *parkour*, impede o *inline* e o *skate*, permitindo os desportos que utilizam bicicletas. Estes estão ausentes nestes locais essencialmente devido à falta de obstáculos que se adequem.

6.2 Acessibilidade

A acessibilidade diz respeito à localização geográfica do local e à existência de uma rede de transportes públicos que permita facilmente chegar ao ponto desejado. Algo que nos fomos apercebendo foi da importância das relações sociais e da forma como a prática destes desportos se assume como mais uma forma de conviver com os amigos. Assim, será lógico que se procurem locais fáceis de encontrar e fáceis de aceder através de transportes públicos, uma vez que muitos dos praticantes não são residentes na cidade do Porto e não são portadores de carta de condução.

Tal como referem os praticantes, “Escolhemos sítios como estes porque são centrais, são uma referência na cidade do Porto e têm muitos transportes que passam



2. Estruturas utilizadas para a prática do *parkour*.

na zona”, sendo, portanto, “bom ter sítios que ficam perto de estações do metro, por exemplo, porque assim é mais fácil encontrarmo-nos todos”. É, por isso, fundamental que seja um local “Onde se possa chegar de metro ou autocarro, estar bem servido em

termos de meios de transporte”. No entanto, mesmo com locais com uma boa rede de transportes públicos existem vários praticantes para os quais não é fácil chegar à cidade. De acordo com os mesmos, “o Porto não é muito acessível para mim, porque não tenho transportes directos, se não tiver quem me traga de carro não venho”. Porém, a distância ou a dificuldade em chegar ao local pode influenciar na frequência com que se treina no Porto, mas, de acordo com o que verificámos, os praticantes sentem-se bem na cidade, demonstrando que a falta de acessibilidade não demove a vontade de treinar nestes locais, como se pode ver pelas palavras de um dos entrevistados: “É difícil vir para aqui, mas vale a pena”. Desta forma, o facto de existirem transportes públicos em todos os locais observados assume-se, sem dúvida, como um argumento para a sua escolha como local de prática. De facto, em locais como a Estação da Trindade (Fotografia 3) esta categoria aparece como uma das principais razões para a presença de praticantes no local, tendo em conta as características físicas. O mesmo se pode dizer da Casa da Música. A sua localização geográfica, o facto de ser uma referência na cidade do Porto e de ter uma estação do metro, bem como várias linhas de autocarro serão, sem dúvida, argumentos para a sua popularidade. De resto, apesar de o número de praticantes ir variando de local para local, podemos dizer que todos são locais de referência, fáceis de encontrar, e acessíveis através de transportes públicos, o que confirma a importância desta categoria na escolha de um local de prática. É de referir ainda o caso da Avenida da Boavista que, pelo que foi possível observar, é utilizada tanto como local de prática, como trajecto para a residência de alguns dos praticantes, sendo provavelmente, esta a principal razão da sua referência por parte dos praticantes.

Associada a esta categoria surge a questão da visibilidade. Ao analisarmos os locais seleccionados, não podemos deixar de aferir, tal como Tajima (2005), que o



3. Praticantes de *skate* junto à Estação da Trindade.

elemento “ver e ser visto” é um factor chave na escolha do local de prática, uma vez que permite a afirmação e representação daquilo que a prática de cada desporto assume para cada praticante e para cada grupo. Neste sentido, não é de estranhar que Karsten

e Pel (2000) constatem que por vezes os governos locais providenciam instalações próprias, como *skateparks*, mas, a cidade em si mesma permanece o paraíso definitivo. Segundo a categoria referente à importância da prática para o sujeito, o modo como o desporto praticado pode representar parte da identidade individual e grupal é importante, e necessita de um local que permita essa mesma representação. Em suma, precisa de ser um local central cuja visibilidade possibilite a construção de discursos de representação através da prática desportiva.

6.3 Compatibilidade

Esta categoria refere-se ao facto de existir uma aceitação por parte da população e autoridade em relação à prática de actividades desportivas nos locais em questão. Como observaram Carvalho e Pereira (2008), para treinar são procurados locais mais recatados onde não existam problemas de compatibilidade com a população ou autoridades, existindo, no entanto momentos em que se procuram quebrar algumas regras, mas raramente estes são momentos de treino. O caso do *breakdance* foi o que apresentou mais problemas de compatibilidade. De acordo com os seus praticantes, procuraram-se “sítios onde os seguranças não nos chateiem (sic). Em Lisboa, no metro, não há problema nenhum em dançar, mas aqui no Porto metem-nos logo cá fora”; por isso a Casa da Música é o único local público onde treinam. Os outros praticantes vêem a questão de forma semelhante. De modo geral, a cidade do Porto é um local onde não têm problemas, ou nas palavras de um dos entrevistados, “É muito importante estar à vontade, porque há sítios como na Maia onde já arranámos problemas, mas aqui no Porto não costuma haver tantos”. Ao longo das observações não foram registados quaisquer problemas de compatibilidade, uma vez que os locais foram já seleccionados pelos praticantes com esta questão em mente. De resto, os locais observados oferecem aos praticantes a possibilidade de os ocuparem de uma forma para a qual não foram construídos sem que existam impedimentos que os afastem permanentemente. Por parte da população parece que estes locais foram já aceites como palcos para este tipo de desportos, havendo uma partilha mais ou menos pacífica entre os praticantes e as pessoas que apenas querem chegar ao seu destino.

6.4 Sociabilidade

Sempre que se observam relações sociais é necessário ter presente que se inserem num espaço onde surgem associados, um espaço, uma configuração social e uma estrutura cultural, sendo, como sugere Lopes (2000), através destes factores, em conjunto com mecanismos de apropriação do espaço, que se geram estilos e usos combinando-se em formas particulares de vivência. Deste modo, como sugere Ingen (2003), o estudo deste tema deve ir para além das acções descritivas dos cenários desportivos, abandonar as generalizações conceptuais e espaciais e avançar para a análise da heterogeneidade que caracteriza o espaço desportivo enquanto espaço social. Neste sentido, esta categoria relaciona-se com a existência de sítios, junto ao local de prática, que permitam o convívio entre os praticantes, visto que é muito importante o desenvolvimento das relações sociais, como já referido ao longo do trabalho. Como se pode ver no diário de campo, “as relações de sociabilidade que se desenvolvem

durante a prática são tão ou mais importantes que o próprio desporto”. Estas são possíveis quando, no local, existem construções que, tal como observámos, “assumem a forma de degraus ou outros tipos de estruturas que permitam ter todo o grupo reunido e algo isolado das restantes pessoas”. As relações de sociabilidade estabelecidas podem assumir também importância na promoção deste tipo de actividades. Tal como registámos em diário de campo, dá-se muitas vezes a “presença de jovens no local apenas pelo convívio, isto é, sem praticarem qualquer dos desportos que são habituais neste local. Facto que faz aumentar a presença feminina¹⁰, sendo possível verificar também um aumento, não tão notório, nos praticantes do sexo feminino. (...) A existência destes espaços poderá por si só promover a prática de actividade física pela vontade de fazer o mesmo que os pares”. Assim, no discurso dos próprios praticantes, “É importante termos sítio onde andar e descansar, conviver, estar com o pessoal”, até porque associado a este convívio foi observada uma atitude através da qual, nas palavras de um dos praticantes, “ajudamo-nos mutuamente e evoluímos mais depressa, por isso tem que ser um sítio onde possamos estar todos (...) uma tarde inteira a treinar ou a descansar sem problemas”.

Dos locais observados, a Casa da Música e a Praça da Batalha foram os locais onde este convívio era mais notório. A Casa da Música é um local onde a qualquer momento é possível observar quase o mesmo número de pessoas a praticar como a conviver, como é possível verificar na Fotografia 4. Durante as observações era frequente ver vários grupos a chegarem ao local com sacas de supermercados, especialmente à medida que a tarde avançava e iam parando para lanchar. Estes momentos ocorrem especialmente na zona da fachada que, devido às características arquitectónicas do edifício, tem sempre zonas com sombra que os praticantes aproveitam. No caso da Praça da Batalha, nos degraus que ladeiam a Praça reúnem-se várias pessoas para além dos praticantes. No caso dos *skaters* que “habitam” este local, era frequente ver grupos de várias pessoas a conviver e apenas dois ou três a andar. Notava-se que os que estavam sentados eram praticantes apenas porque também traziam consigo um *skate*. Os restantes locais seguem a mesma tendência quanto à necessidade de espaços de convívio, diferenciando-se apenas por não serem tão notórias as reuniões sociais. Em relação à Praça dos Leões e à Estação da Trindade, os praticantes juntavam-se no chão um pouco afastados do local de prática para não incomodar os colegas em actividade.

Já no caso do *parkour*, é difícil definir os locais de paragem já que aconteciam de forma aleatória, dependendo de factores como o cansaço ou a necessidade de discutir a forma de ultrapassar algum obstáculo. Nesta categoria é, assim, importante reter que os momentos de reunião são tão importantes como os momentos de prática, e que a procura de um local que possa promover a actividade física nesta faixa etária não pode descuidar este aspecto fundamental.

¹⁰ Apesar de fazermos referência à presença feminina, os nossos dados não permitem fazer inferências em relação a questões de género. Sugerimos, contudo, que estudos desta natureza procurem a análise e compreensão desta problemática, uma vez que existem questões cuja resposta auxiliará a compreensão da temática em estudo.



4. Convívio junto à Casa da Música

Depois de expormos os resultados obtidos teceremos um conjunto de considerações como forma de conclusão da apresentação de resultados. Começamos pelo declínio drástico nos níveis de actividade física apresentado em vários estudos (como por exemplo, McKenzie [*et al.*], 2000; Matos, Carvalhosa e Diniz, 2002; Santos [*et al.*], 2003). Este pode revelar que as estratégias utilizadas de promoção da actividade física poderão necessitar de ser revistas no que diz respeito à adolescência. Esse declínio leva-nos a procurar os locais e as formas ideais de promover a actividade física nesta população. Neste sentido, Aytura, Rodriguezb, Evensona, Catellierc, e Rosamond (2008) demonstram que os centros urbanos estarão, em princípio, mais preparados para a promoção da actividade física, uma vez que possuem uma utilização dos espaços mais variada, permitindo encontrar várias estruturas num espaço suficientemente reduzido para percorrer, por exemplo, a pé. Não obstante, para um conhecimento mais aprofundado acerca desta questão devemos ir para além das características estruturais e entender, tal como Pais (2004), que para estes jovens a vivência da cidade é pautada por experiências sensoriais, que vão desde o ruído das rodas sobre o pavimento até à sensação de trepidação provocada pelo deslocamento. É através desta experiência que se produzem espaços livres, reinventando-se o espaço urbano da cidade. Enquanto desliza, o corpo do *skater* produz novos tipos de discurso, rompendo com o espaço pré-existente, e dando-lhe uma existência própria que desafia os usos pré-estabelecidos.

Após a recolha e análise dos dados, a necessidade de uma cidade que seja abrigo de manifestações culturais, promovendo expressões de identidade, é a ideia base que emerge. Sendo movimentos massivos como é o caso das grandes manifestações sociais, ou micromovimentos, que representam modos alternativos de vida, o importante é que “a polis ganha consciência da urbs criam-se reais condições para o exercício da cidadania participada” (Pais, 2004: 60). Quanto à forma de intervenção, seguimos a linha de Bach (1993), segundo o qual, o planeamento urbano e as políticas desportivas municipais, deverão, futuramente, reconhecer que estes desportos informais têm as suas próprias estruturas onde se desenvolvem, identificando estes

espaços como valências desportivas paralelas aos equipamentos tradicionais criados para eventos desportivos específicos. Isto pressupõe, obviamente, que a necessidade de uma utilização espontânea do espaço, enquanto característica intrínseca destas actividades desportivas informais, seja oficialmente aceite e apoiada pelos municípios e governantes, e que os seus praticantes sejam tidos em conta, uma vez que, segundo Pedrazzini (2001), os praticantes de desportos alternativos urbanos tornam-se, por vezes, autênticas bibliotecas de sociologia urbana

Conclusão

Ao tentarmos responder à pergunta “Quais são as características (físicas; geográficas; sociais...) que tornam um espaço urbano próprio para a prática desportiva por parte da população jovem?”, encontramos um conjunto de respostas e questões que, por um lado, forneceram uma nova visão sobre o fenómeno observado, e por outro, incentivaram a ir mais longe, e entender a prática de desportos informais sob vários outros pontos de vista. Através deste trabalho entendemos que existe uma grande variedade de culturas juvenis, que têm essencialmente um aspecto em comum: a valorização das relações sociais. Neste sentido, só através da compreensão das estruturas de lazer e sociabilidade desta faixa etária foi possível, posteriormente, entender os fenómenos observados no trabalho de campo.

Através das entrevistas, foi possível entender que a prática destes desportos assume, para os seus praticantes, um significado que não se esgota na prática em si. Faz parte da sua vida, da sua identidade, permite o desenvolvimento de um conjunto de relações sociais fundamentais para cada sujeito, para além de se assumir como uma forma de representação de todos estes aspectos. Assim sendo, podemos concluir que para os sujeitos observados o desporto praticado faz parte da homologia de cada grupo. Existe, deste modo, uma coordenação simbólica entre valores e estilos de vida de um grupo, e as formas que usam para expressar e reforçar os seus interesses centrais.

Com a noção do interesse que estas actividades desportivas estão a despertar em cada vez mais jovens, e tendo em conta a forma como os praticantes estão a apropriar-se de vários espaços da cidade do Porto, foi necessário entender o que é valorizado na escolha dos mesmos. Como é possível constatar na apresentação de resultados existem vários transportes públicos, o que, por um lado, facilita o acesso aos praticantes não residentes na cidade do Porto e, por outro, agiliza a passagem de um local para o outro dentro da cidade, apesar de termos constatado que no espaço urbano os praticantes deslocam-se essencialmente a pé ou utilizando os seus equipamentos (bicicletas, *skates* e patins). A localização é também importante, visto que nos apercebemos da necessidade de seleccionar locais de referência que facilmente se possam encontrar, como está patente ao longo do mapa apresentados. Por outro lado, a questão da centralidade dos locais também se pode interpretar como a necessidade de visibilidade, uma vez que este elemento se mostrou um factor chave na escolha do local de prática, o que pode explicar a concentração na Baixa da cidade e outros locais com muita visibilidade que se verificou através da cartografia. As razões de tal necessidade prendem-se com os factores sociais já referidos, isto é, a prática destes desportos assume-se como parte da identidade dos seus praticantes e, como tal, dada a importância das relações sociais e da forma como se comunicam as identidades, a prática destes desportos num local

central serve também um propósito representativo inerente a cada grupo. Comum aos vários locais é também a inexistência de conflitos notórios entre os praticantes e a população e autoridades. Como verificámos, esta é uma característica importante, uma vez que, quando o objectivo é passar uma tarde com os amigos a praticar, os sujeitos tentam encontrar espaços onde se possa permanecer, uma vez que, segundo as declarações recolhidas nas entrevistas, não gostam de ser constantemente expulsos dos locais. Concluímos que, de alguma forma, a população da cidade já se acostumou a estes novos habitantes e à forma como ocupam o espaço. A questão da sociabilidade foi apontada por todos os entrevistados, e diz respeito à existência de locais que permitam o convívio sem impedir a prática. Mais uma vez, esta foi uma categoria observada em todos os espaços, isto porque não é muito difícil encontrar um sítio junto ao local de prática onde se possa parar a prática por alguns momentos. Esta categoria assume especial importância, na medida em que se relaciona directamente com o significado da prática para os sujeitos. Assim, apesar de não ser difícil encontrar os referidos locais de convívios, é necessário, acima de tudo, ter consciência da sua importância na prática destes desportos. Por fim, quanto às características do local, podemos afirmar que são fundamentais para a prática destas actividades. Apesar da sua elevada importância apercebemo-nos que, existindo as condições físicas mínimas, um local pode ser escolhido devido a uma conjugação de factores relacionados com as outras categorias. Para a cidade do Porto podemos concluir, com base em todos os dados recolhidos, que existe um prazer inerente à prática destes desportos em cenários urbanos. Esse prazer relaciona-se, tal como referimos, com uma vivência urbana que permite a expressão da identidade própria de cada grupo e o desenvolvimento de relações de sociabilidade que assumem grande importância nesta faixa etária. Quanto aos locais já existentes, julgamos que um conjunto de pequenas intervenções estruturais pode potenciar ainda mais os locais já utilizados. Temos plena noção de que se tratam de espaços de referência na cidade do Porto que não são facilmente alteráveis, mas o que sugerimos é um tipo de intervenção que não cause alterações estruturais significativas. Falamos de elementos móveis como os utilizados na Casa da Música ou na Batalha, na protecção de algumas estruturas, ou mesmo no tipo de intervenção que sofreu o largo em frente ao Centro Comercial Itália. Para terminar, gostaríamos de referir que não possível deixar de sentir alguma necessidade de estender o trabalho, por exemplo à área metropolitana do Porto, uma vez que existem alguns locais referidos pelos praticantes que se encontram fora da cidade, tais como a Câmara Municipal de Matosinhos, ou o *skatepark* da Maia. Fica a ideia de que seria positivo analisar a área envolvente ao Porto, local onde residem muitos dos praticantes entrevistados, de forma entender de que modo se vivem estas práticas desde a periferia até ao centro.

Bibliografia

AYTURA, A., RODRIGUEZ, A., EVENSONA, R., CATELLIERC, J.; ROSAMOND, D. (2008), "The sociodemographics of land use planning: Relationships to physical activity, accessibility, and equity", *Health & Place*, 14, 397-385.

BACH, L. (1993), "Sports without facilities: The use of urban spaces by informal sports", *International Review for the Sociology of Sport*, 28, 281-296.

BEAL, B. (1995), “Disqualifying the official: an exploration of social resistance through the subculture of skateboarding”, *Sociology of Sport Journal*, 12(3), 252-267.

CAMY, J.; ADAMKIEWICS, E.; CHANTELAT, P. (1993), “Sporting Uses of the City: Urban Anthropology Applied to the Sports Practices in the Agglomeration of Lyon”, *International Review for the Sociology of Sport*, 28, 175-185.

CARVALHO, R.; PEREIRA, A. (2008), “Percursos alternativos — o Parkour enquanto fenómeno (sub)cultural”, *RPCD*, 8, 427-440.

COSTA, António Firmino da (1986), “A pesquisa de terreno em Sociologia”, in Augusto Santos Silva; José Madureira Pinto (orgs.), *Metodologia das ciências sociais*, Porto, Edições Afrontamento.

FUSCO, C. (2007), “‘Healthification’ and the Promises of Urban Space: A Textual Analysis of Place, Activity, Youth (PLAY-ing) in the City”, *International Review for the Sociology of Sport*, 1, 43-63.

GUERRA, Paula (2003), “A cidade na encruzilhada do urbano: elementos para uma abordagem de um elemento complexo”, *Revista da Faculdade de Letras da Universidade do Porto*, 69.

HARPER, D. (2002), “Talking about pictures. A case for photo elicitation”, *Visual Studies*, 17 (1).

HUMPHREYS, D. (1997), “Shredheads go mainstream? Snowboarding and alternative youth”, *International revue for sociology of sport*, 32 (2), 147-160.

HUNTER, J. (2002), “Flying-through-the-air Magic’s:skateboarders, fashion and social”, *Sheffield Online Pappers in Social Research*. Disponível em [http://www.shef.ac.uk/socstudies/Shop/7hunter.pdf.]

INGEN, C. v. (2003), “Geographies of gender, sexuality and race: reframing the focus on space in Sport Sociology”, *International Review for the Sociology of Sport*, 2, 201-216.

KARSTEN, L.; PEL, E. (2000), “Skateboarders Exploring Urban Public Space: Ollies, Obstacles and Conflicts”, *Journal of Housing and Built Environment*, 15, 327-340.

LEFEBVRE, H. (1981), *La Production de l’Espace* (2nd ed.), Paris: Editions Anthropos.

LOPES, J. T. (2000), *A cidade e a cultura: um estudo sobre práticas culturais urbanas*, Porto: Edições Afrontamento.

MATOS, M.; CARVALHOSA, S.; DINIZ, J. (2002), “Actividade Física e Prática Desportiva nos Jovens Portugueses”, *FMH*, 4, 1.

McKENZIE, T. L.; MARSHALL, S. J.; SALLIS, J. F.; CONWAY, T. L. (2000), “Leisure-time physical activity in school environments: An observational study using SOPLAY”, *Preventive Medicine*, 30, 70-77.

PAIS, J. M. (1993), *Culturas Juvenis*, Lisboa: Imprensa Nacional Casa da Moeda.

— (1998), “Introdução”, in J. M. Pais (Ed.), *Gerações e valores da sociedade portuguesa*, Lisboa, Instituto de Ciências Sociais da Universidade de Lisboa, pp. 17-58.

— (2004), “Jovens e Cidadania”, in *Simpósio Internacional sobre a Juventude*, Rio de Janeiro, *Sociologia, Problemas e práticas*, 49, 2005, 53-70.

— (2007), “O poder das máscaras: ocultações e revelações”, in ANPED (Ed.), 3^a *Reunião Anual da ANPED*, Caxambu, 1-29.

PEDRAZZINI, Y. (2001), “Rollers & skaters: sociologie du hors-piste urbain”, *Collection Changement*.

PROSSER, J. (Ed.) (2001), *Image-Based Research. A Sourcebook for Qualitative Researchers*, Routledge Falmer, Great Britain.

STEYN, D. (2004), “The body in public culture. skateboarder”, *Postamble*, 1, 12-18.

TAJIMA, M. (2005), “The city a playground”, *Jaargang 5*, 1(3). Disponível em [<http://www.scribd.com/doc/9843833/The-city-a-playground>].

WHEATON, B.; BEAL, B. (2003), ‘Keeping it Real’ Subcultural Media and the Discourses of Authenticity in Alternative Sport”. *International Review for the Sociology of Sport*, 2, 155–176.

WOOLLEY, H.; JOHNS, R. (2001), “Skateboarding: The City as a Playground”, *Journal of Urban Design*, 2, 211- 230.

Abstract:

Several studies conducted on the problems associated with sedentary lifestyle are focused on the need for moderate physical exercise, but do not appeal to younger populations because they are aimed at physical activity devoid of the most valued aspects by this population. The purpose of this study is to analyze the city of Oporto by direct observation of informal sports practitioners, through the use of interviews, mapping of the city's places used, and the use of photography as a complementary means of data collection. Thus, it is possible to understand what are the characteristics that make an urban space suitable for informal sporting activities, as well as examine how these spaces are distributed throughout the city, describing the areas of highest concentration in order to understand the production and appropriation space through alternative urban sports.

Keywords

Health; Youth cultures; Urban sports; City of Oporto.

Résumé

Plusieurs études menées sur les problèmes liés à la sédentarité axé sur le besoin d'exercice physique d'intensité modéré. Ainsi, ils ne font pas appel à des populations plus jeunes, parce qu'ils sont destinés à l'activité physique dépourvue des aspects les plus valorisés par cette population. Le but de cette étude est d'analyser la ville de Porto par l'observation directe des sports informels, au moyen d'entrevues, par une cartographie des pratiques locales dans la ville, et avec le soutien des photographies en tant que moyen supplémentaire de collecte des données. Ainsi, il est possible de comprendre quelles sont les caractéristiques qui en font un espace urbain adapté pour des sports informels, aussi bien que d'examiner comment ces espaces sont répartis dans toute la ville, décrivant les zones de concentration plus élevée pour comprendre la production et l'appropriation de l'espace urbain par les sports alternatifs urbains.

Mots-clés

Santé; Cultures juveniles; Sport urbains; La ville du Porto.